

Encontro com minhas raízes

Acelerado, na praça Toledo Barros, dentro dos meus sessenta e um anos, senti um arrepio que me paralisou os passos instantaneamente. Ao olhar em redor, avistei na entrada do antigo cine Vitória um homem de meia-idade, moreno, cujos olhos pequenos envoltos por óculos de aro preto debruçaram-se imediatamente sobre os meus. Não o reconheci, mas cumprimentamo-nos, como sempre ocorria na infância quando encontrava por ali o pipoqueiro, a bilheteira, ou o Baiano, antigo porteiro das matinês de domingo. Respirei e segui meu caminho devagar, pois uma senhora gorda, branca, nada maternal, vinha do grupo escolar em minha direção, encarando-me estranhamente. Cumprimentei-a com um breve sorriso e ela por mim passou, indiferente.

Relevei o fato. O que realmente importava era chegar ao Banco o mais breve possível. E assim foi: alcancei a agência bancária minutos antes de sua abertura ao público. Tive, todavia, de aguardar o início do expediente numa fila composta de dez pessoas.

- Detesto vir ao Banco, falei comigo.

Uma senhora que estava à minha frente, idêntica àquela avistada na praça, olhou-me nos olhos e disse em voz alta, num tom professoral:

- O senhor está agitado. Deve ter paciência como todos da fila.

Nesse momento, um homem idêntico àquele que me havia cumprimentado minutos antes, tomou-me a defesa:

- O senhor tem toda razão. Só venho ao Banco quando preciso sacar dinheiro. Numa confusão mental repentina, sentindo-me criança, com nove anos, retorqui:

- Dona Natália, a senhora é uma chata. Baiano, você é tão legal!

Roberto Ribeiro De Luca
Membro efetivo da ALLe, cadeira 26.



encontro com minhas
Raízes